

# Resenha



## Desastres em perspectivas: contribuições disciplinares para contextos de crise

VALENCIO, Norma e SIENA, Mariana (Orgs.). *Sociologia dos desastres: construção, interfaces e perspectivas*. RiMa Editora : São Carlos, 2014, 356 p.

Por Antenora Maria da Mata Siqueira<sup>1</sup>

A centralidade do tema desastres nas pesquisas e disciplinas das áreas das Ciências Humanas e Sociais ainda é restrita no Brasil. A despeito do aumento na frequência e gravidade dos desastres, assim como da requisição de vários profissionais oriundos das subáreas para atuarem em processos dessa natureza, a produção geral é ainda tímida.

Em contrapartida a esse cenário, o NEPED – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desastres da UFSCar<sup>2</sup>, coordenado pela Profa. Norma Valencio, tem colecionado uma produção intensa de seus membros, agregando um conjunto de pesquisadores de várias universidades brasileiras e estrangeiras. As contribuições dos profissionais do Núcleo vão além das atividades e publicações individuais quando tomam para si a árdua e importantíssima tarefa da estruturação, inserção em grade curricular e socialização da subdisciplina Sociologia dos Desastres. A Coletânea *Sociologia dos Desastres: construção, interfaces e perspectivas* é a expressão desse trabalho coletivo, que transcende a esfera da própria instituição ao valorizar e publicizar a produção e a troca de saberes e conhecimentos entre cientistas, pesquisadores e técnicos da academia e de organizações sociais. Prevista para ser uma trilogia, ela foi além ao publicar o livro em tela nesta resenha.

Neste sentido, o volume IV da Coletânea sedimenta a relevância da continuidade do conjunto da obra: ele é a expressão da “urgência de trazer à tona e difundir um novo conjunto de ideias...” acerca dos desastres, como afirmam as organizadoras na apresentação do livro. A ilustração escolhida para a capa com a imagem mitológica imponente de um Hermes fundido com Mercúrio, a partir

da perspectiva romana, é símbolo da palavra e da premência da agilidade nas comunicações. Além de mensageiro dos deuses e guia das almas dos mortos, Hermes também foi considerado o deus das buscas, algo vital em relação às múltiplas dimensões dos desastres.

A busca por articular e tornar pública a produção acadêmica no âmbito das ciências humanas e sociais fez com que o livro, objeto desta resenha, fosse estruturado em quatro seções.

A seção inicial “Riscos e Desastres em depoimentos: distintas perspectivas disciplinares para o aprimoramento da prática profissional no contexto de crise” reúne duas entrevistas e os excertos de uma palestra, o que denota uma inovação quanto aos livros anteriores da coletânea, compostos por capítulos elaborados pelos autores. As entrevistas foram concedidas à Profa. Norma Valencio, uma das organizadoras do livro. Na primeira delas, o geólogo e professor da Universidade de Coimbra/Portugal Luciano Lourenço trata da distinção entre os conceitos de risco, perigo e crise no bojo da sua trajetória profissional na docência, na pesquisa e extensão sobre o tema dos incêndios florestais. A entrevista seguinte foi realizada com dois membros da Rede de Cuidados-RJ/Psicologia das Emergências e dos Desastres, Samira Ibrahim e Luiz Henrique de Sá, com o objetivo de esclarecer o papel da Rede no complemento à formação dos psicólogos envolvidos em desastres, bem como na recuperação dos aspectos emocionais das pessoas que passam por sofrimentos em desastres. Por sua vez, a palestra que faz parte da seção foi proferida pela Profa. Virginia García-Acosta, do CIESAS/México, no Grupo de Trabalho do II EMBRA<sup>3</sup>, no GT “Antropologia dos riscos e dos desastres: olhares transversais”, que versou sobre a linha de pesquisa em história e antropologia dos desastres, no México. A noção de risco junto à de desastres permeia este conjunto de trabalhos, onde também se encontram bases disciplinares que contribuem para a atuação profissional.

Na segunda seção, três capítulos sobre “Desastres num contexto internacional” apresentam estudos de casos a partir de desastres no Chile e no Haiti. O primeiro deles, de autoria de Alex Latta, analisa os conflitos socioambientais associados aos megaprojetos, propondo entender os megaprojetos como “desastres planejados”, ilustrado pelo caso do projeto de hidroeletricidade Hidro-Aysén, no Chile. O segundo capítulo foi elaborado por Andrea Roca, e trata da memória social de desastres relacionados a terremotos no Chile, em especial sobre os saques realizados historicamente em tais contextos. No capítulo terceiro, Diego Correia analisa como as autoridades brasileiras receberam os

haitianos que vieram para o Brasil, após vivenciarem todas as dimensões de um desastre em seu país, trazendo em seu imaginário um Brasil acolhedor plantado pelas forças militares brasileiras no Haiti.

A terceira seção é formada por dois capítulos voltados para os “Desastres no Contexto Nacional”. No capítulo quatro, o autor Marandola Jr. apresenta re-significações no debate sobre a dimensão ontológica da segurança humana nos desastres, questionando a resposta governamental brasileira para o enfrentamento dos desastres associados às mudanças climáticas. No capítulo cinco, a economista Norma Valencio questiona a visão reificada dos desastres “naturais” e instiga o debate a partir da pergunta “Desastres são fraturas extraordinárias no desenvolvimento brasileiro ou são processos intrínsecos ao seu desenvolvimento?”.

As análises sobre o contexto brasileiro continuam na quarta e última seção, intitulada “Casos Regionais e Inter-regionais”. Marcados pelo excesso de água ou a sua escassez, as relações sociais em contexto de desastres associados às questões hídricas, em meio rural e urbano, são analisados em oito capítulos.

Os capítulos seis e sete apresentam, em comum, questões concernentes aos deslocamentos compulsórios das famílias para conjuntos habitacionais, as formas de resistência, os conflitos, a adaptação (ou não) à nova moradia. Elaborado por Mariana Siena, o capítulo seis trata da atenção social nos desastres, tendo como foco o deslocamento das famílias para conjuntos habitacionais em Ribeirão Preto. O capítulo sete, de Carina Lutke, focaliza os vários tipos de violência e os conflitos ocorridos pela remoção dos moradores no bairro Chácara Três Meninas, em São Paulo, justificada pelas inundações (muitas delas provocadas por manipulação de comportas do sistema Tietê). O capítulo oito traz uma abordagem de Juliana Sartori, vista como uma interpretação alternativa à institucional, que trabalhou a compreensão da memória social dos idosos que vivenciaram um desastre, decorrente de enchentes, em São Luiz do Paraitinga/São Paulo. No capítulo nove, Victor Marchezini argumenta sobre a existência de uma biopolítica do desastre, para o que expõe e analisa lógicas de poder, discursos e práticas vinculados aos processos de recuperação de São Luiz do Paraitinga/SP, após sofrer uma inundação.

Na continuação das análises sobre as desigualdades de poder, o capítulo dez, elaborado pela assistente social Dora Vargas, analisa as relações sociais entre o que chamou de “autoridades em desastre” e os “afetados por desastre”, ilustrando com o caso de Teresópolis/RJ. Longe de polarizar em dois grupos de atores, revela o desastre como um campo de luta pela classificação do mundo, onde há predominância de uma forma de interpretação e poder, que não é consensual, mas é

monofônico. No capítulo onze, Layla Stassun Antonio trata de um tema raro nas publicações no campo das catástrofes e desastres: a (des) atenção, a fragilização e o abandono dos animais nas áreas atingidas, aprofundando a análise da regulamentação e dos planos de contingência, com base empírica também em Teresópolis/RJ. O capítulo doze é trabalhado pela gerontóloga Aline Viana, que desta vez desloca o tema de sua especialidade do ambiente das chuvas, para analisar os idosos em meio aos desastres relacionados às secas e estiagens em Manaíra/PB e a importância da re-significação dos direitos sociais no âmbito das respostas das políticas públicas para esses sujeitos. Para finalizar, Norma Valencio retoma suas análises no capítulo treze no mesmo cenário de secas e estiagens prolongadas do capítulo anterior, mas tendo como sujeitos do seu objeto de pesquisa os *produtores da agricultura familiar* em condições de constrangimento pelo desastre já instalado e a insuficiência de políticas públicas que alterem o quadro.

Na obra, a densidade das análises conceituais está enriquecida pela discussão de estudos oriundos das diversas disciplinas das Ciências Sociais e Humanas. Os autores utilizam de forma consistente os resultados das pesquisas que elaboraram. Essa configuração do livro proporciona aos leitores a possibilidade de realização de um diálogo com aqueles que pesquisam e vivenciam os desastres, de alguma forma.

Desastre é o conceito que une as produções brasileiras e internacionais. A fluidez da redação do livro convida os leitores a adentrar em um fio condutor que perpassa as entrevistas, os excertos de palestra e os capítulos. A diversidade na forma de apresentação dinamiza a leitura. Em diversos matizes e densidades, os autores abordam perspectivas de diferentes atores sociais e trazem contribuições imprescindíveis para a formação de profissionais e voluntários que atuam em tal campo, convidando todos a assumir o compromisso com uma *ciência cidadã* no campo dos desastres.

## Nota

- 1 Departamento de Serviço Social de Campos, Núcleo de Pesquisas e Estudos Socioambientais, Universidade Federal Fluminense. E-mail da autora: antenorams@gmail.com
- 2 UFScar-Universidade Federal de São Carlos
- 3 EMBRA: Encontro Mexicano Brasileiro de Antropologia, realizado na Universidade de Brasília, em novembro de 2013.

Artigo recebido em março de 2015 e aprovado para publicação em abril de 2015.